

# NOITE ILUSTRADA

---

Entrevista realizada com o  
cantor e compositor em Atibaia/SP  
em 27 de outubro de 2001

---

# ÍNDICE

Meu nome é Mário de Souza Marques Filho	04
Eu?! Tomo o meu destilado aqui!	06
O cara tirou o revólver e “Você é muito metido, negão!”	08
Senhoras e senhores, com vocês... é... há... A Noite Ilustrada	10
Um sucesso como “Conceição” e “A volta do boêmio”	12
O único medo que tenho é que o samba perca identidade	14
A coisa mais importante que apareceu foi a bossa nova	16
A música não é culpada por nascer em berço errado	18
Prestei concurso para ser motorista de caminhão da Prefeitura	20
Fui levado para a Trama pelas mãos do Fernando Faro	22
O senhor não interessa mais à gravadora	24
Se você quiser 6 CDs só com inéditas, eu tenho	25
Se eu ficasse no Rio não seria artista profissional	26
A única coisa que peço é para morrer em casa	28

# Os termos do eterno sambista

por RICARDO TACIOLI

Ex-lateral-esquerdo, Mário de Souza Marques Filho ainda carrega, aos 73 anos de idade, a mesma elegância que o fazia posar para fotos da esquadra do Comercial do Rio de Janeiro na década de 1950. Com a vida bifurcada entre o futebol e a aspirante carreira de cantor amador, um convite do célebre humorista Zé Trindade para integrar como violonista uma excursão de sua caravana bastou para traçar seu futuro. De sua gratuita semelhança com Pelé, o mineiro criado no Rio de Janeiro e catapultado para o sucesso em São Paulo construiu uma carreira tão coerente como a de seus ídolos da velha guarda.

“Saúde!” Com o copo nas alturas, Noite Ilustrada benze a entrevista e aprova as cervejas, o destilado e algumas porções dispostas na mesa, munição para as próximas duas horas de bate-papo. No escritório montado em sua confortável residência em Atibaia, Noite Ilustrada expõe alguns de seus troféus e discos e, ainda empacotadas e amarradas com barbante, dezenas de músicas inéditas que recebe periodicamente. Outras tantas autorais aguardam no armário de madeira o momento para se revelarem em disco. “A pinga?! É do sítio do primo da minha mulher. É especial!”

De volta à grande imprensa em 2001 graças ao lançamento de **Perfil de um sambista** (Trama), o cantor de voz grave não se intimidou em recompor sua infância em Pirapetinga, as lembranças dos pais separados e a criação em colégios internos, onde prefaciou sua trajetória artística em grupos vocais a Anjos do Inferno e Bando da Lua. Aprumado em uma rápida construção cronológica, o herdeiro musical de Ataulfo Alves ainda confessou sua decepção com Adoniran Barbosa, minuciou as dificuldades financeiras que enfrentou no final dos anos 60 e que quase o promoveram a motorista de caminhão de lixo, e diagnosticou suas ansiedades atuais.

# Meu nome é Mário de Souza Marques Filho

**Noite Ilustrada** – Meu nome é Mário de Souza Marques Filho. Nasci na cidade de Pirapetinga, Estado de Minas Gerais, no dia 10 de abril de 1928. Meu pai chamava-se Mário de Souza Marques. Minha mãe, Alexandrina de Souza Conceição. Aos cinco, seis anos eu já estava morando numa outra cidade próxima de Pirapetinga, que na época se chamava Porto Novo do Cunha, hoje chama-se Além Paraíba, uma cidade que faz divisa com o Estado do Rio e Minas Gerais.

## **Gafieiras – Que lembranças você tem da infância?**

**Noite** – Olha, a minha infância foi um pouco tumultuada porque, infelizmente, meus pais se separaram muito cedo. Meu pai foi para o Rio de Janeiro e minha mãe ficou em Minas. Mas depois de uma temporada, uma senhora que foi morar no Rio e que precisava de uma empregada doméstica levou minha mãe junto. Foram os dois para o Rio e fiquei com a minha vó até cinco ou seis anos. Depois fui para o Rio, para a casa do meu pai. Mas ele trabalhava como motorista da General Electric, de lâmpada, e não tinha tempo de cuidar de mim. Então fui para o colégio interno, a escola SAM (Serviço de Atendimento aos Menores) e com oito anos para o Instituto Profissional Getúlio Vargas, também em Bonsucesso. Saí de lá com 16 anos com uma profissão. Trabalhava com móveis de vime. Fui trabalhar na fábrica de móveis da Casa Flor, na 28 de setembro da Vila Isabel. A maioria dos funcionários da Casa Flor era gente que morava na Mangueira, como o Cláudio, ritmista do Ataulfo Alves. De vez em quando eles me levavam para assistir ao ensaio no bairro – no Rio tem um bairro que se chama Maracanã, lá no Esqueleto, onde eles faziam reunião de samba e aquelas coisas todas. Eu não estava com sangue na veia para encarar, mas eu ia. Gostava, só gostava. Meu pai era batista e não era muito chegado nessas coisas de samba. Eu tinha que estar sempre fugindo para essas reuniões.

## **Gafieiras – Você chegou a ter algum problema com o seu pai por causa dessas reuniões?**

**Noite** – Não, porque graças a Deus eu me dava muito bem com o meu pai. Ele sabia que eu dava minhas escapulidas. [risos] Ele só não gostava, mas eu ia assim mesmo. Foi daí que o samba começou a entrar na veia e está até hoje. Não tem como tirar! Não posso, já me convidaram para gravar uma porção de estilos de música, mas do samba eu não saio não!

## **Gafieiras – Seu pai tinha alguma relação com música?**

**Noite** – Quando mais jovem era sanfoneiro.

## **Gafieiras – Você se lembra de alguma coisa que ele tocava?**

**Noite** – Não me lembro... Tenho a impressão de que quando ele tocava sanfona eu ainda estava sendo formado. [risos]

## **Gafieiras – Qual era o contato que você tinha com sua mãe dos 6 aos 16 anos de idade? Como era**

**esse relacionamento?**

**Noite** – O contato foi mais difícil porque a minha mãe trabalhava como doméstica e meu pai não tinha tempo de me dar assistência. Praticamente minha vida foi dentro de colégio interno. De vez em quando, aos domingos, meu pai aparecia para me fazer uma visita. Acho que fui muito independente em termos de sobrevivência, porque me virei sozinho na vida. Tenho impressão de que sou “autodidático” [sic] em quase em todas as situações da vida.

**Gafieiras – Você tem alguma mágoa desse período e desse afastamento dos pais?**

**Noite** – Quando mais jovem eu sentia muito a falta dos meus pais. Chegava domingo ao colégio, a maioria dos alunos recebia visita dos parentes, e eu tinha que sair correndo para o campo jogar futebol porque não tinha visita para mim. Aquilo me deixava meio triste. A gente sente quando está passando aquela coisa na pele, mas hoje em dia não, entendo bem o problema. Eles eram separados, tinham uma vida. A vida de doméstica naquela época não tinha tanta facilidade, os patrões usavam os domésticos desde as 7 da manhã até as 10 horas da noite. Não tinha facilidade. O meu pai, por sua vez, também tinha obrigações com a igreja, com as reuniões particulares, já que era professor de inglês e motorista dos diretores ingleses da General Electric. Motorista e intérprete.

# Eu?! Tomo o meu destilado aqui!

## **Gafieiras – O que você ouvia nessa época?**

**Noite** – Em termos de música?

**Gafieiras** – É.

**Noite** – Era a época em que existiam os conjuntos Os Anjos do Inferno, Quatro Ases e Um Curinga, o Bando da Lua, que ainda estava nos Estados Unidos. E como é que se chamava aquele, que até o Lúcio Alves fazia parte? Os... Garotos da Lua [n.e. Namorados da Lua, pilotado pelo mineiro Lúcio Alves, crooner, arranjador e violonista do grupo, criado em 1941 no Rio e desfeito em 1947], alguma coisa parecida, não estou bem lembrado. Então no colégio a gente se reunia e começava a fazer um negócio de conjunto. Nem sabíamos a letra direito, cantávamos do jeito que vinha à cabeça. Gostávamos porque era em grupo; tinha um conjunto aqui, outro ali. Eu tocava tantã, aquela com uma "caixazinha", com um "sonzinho" sem-vergonha, e cantava com o pessoal do grupo. Ouvíamos também os grandes medalhões como o João Petras de Barro [n.e. 1914-1947, a "Voz de 18 quilates"], Francisco Alves [n.e. 1898-1952, o "Rei da voz"], Orlando Silva [n.e. 1915-1978, "O cantor das multidões"], Sílvio Caldas [n.e. 1908-1998, "O caboclinho querido"], Cyro Monteiro [n.e. 1913-1973, o "Formigão"] e Ataulfo Alves [n.e. 1909-1969, o "General do samba"], mas gostávamos mesmo dos conjuntos, porque dificilmente alguém queria cantar sozinho. Todo mundo queria cantar junto, embolado. Se um errasse, erravam todos. [risos] Esse era o nosso clima!

## **Gafieiras – Existia essa liberdade dentro do colégio?**

**Noite** – Na hora de recreio é que a gente fazia essas palhaçadas todas.

[Denise, sua esposa, traz algumas porções, cervejas e pinga. Noite Ilustrada brinda com um copo em forma de bunda.]

**Noite** – Saúde!

**Gafieiras** – Saúde!

**Noite** – Você viu a minha... [aponta para o copo] [risos]

**Gafieiras** – Ia te perguntar. Qual é a pinga?

**Noite** – É do primo dela. Ele tem um sítio onde faz a pinga. É especial!

**Gafieiras** – Mas nessa época você não tinha cristalizado a idéia de ser artista?

**Noite** – Não, não, nem me passava pela cabeça.

**Gafieiras** – O que você esperava da vida?

**Noite** – Pensei que ia ser jogador de futebol, porque naquela época jogava pelo time do colégio.

**Gafieiras** – Qual era a sua posição?

**Noite** – Lateral-esquerdo. Eu achava que jogava bem. Pensei até que ia ser jogador de futebol, mas

depois de um problema de joelho ("deslocação de joelho"), fui perdendo o interesse e fui para o lado da música.

**Gafieiras – Como é sua relação com o futebol? Qual é o seu time?**

**Noite** – Sou até hoje botafoguense, vou fazer o quê?! [risos] Aqui em São Paulo, não tem nada a ver, sou são-paulino. Mas sabe por que sou são-paulino? Eu trabalhava numa boate que parecia a Federação Paulista de Futebol; como tinha jogador de futebol! Como os jogadores estavam sempre me prestigiando, eu ia prestigiá-los em concentração, em treino, nessas coisas todas. Aí passei a ter amizade com Mauro [n.e. Maurinho, 1933, ponta e um dos maiores artilheiros do SPFC], Canhoteiro [n.e. 1932-1974, o Garrincha da ponta-esquerda, boêmio inveterado e um dos primeiros jogadores a ter fã-clubes], De Sordi [n.e. 1931, lateral-direito campeão mundial em 58], Bauer [n.e. 1925, o "Monstro do Maracanã", apelido ganho durante Copa de 1950], Dino Sani [n.e. 1932, médio-volante campeão mundial em 58] e comecei a torcer por eles. Hoje não tem mais ninguém, mas torço para a camisa do São Paulo. Infelizmente hoje não conheço a turma toda de lá.

**Gafieiras – Você chegou a jogar umas peladas com esse pessoal do São Paulo?**

**Noite** – Não, não, só ia assistir.

**Gafieiras – Já tinha pendurado as chuteiras?**

**Noite** – Na época eu não era jogador para concentração, não! A noite inteira eu tomando os meus álcoois, fumando como um louco, e ainda jogar futebol? Não dava, não combinava.

**Gafieiras – Você sempre gostou de beber?**

**Noite** – Sempre. Naquela época eu tomava muito conhaque, mas não era um bêbado. Eu tinha um limite. Quando chegava determinada altura que eu via que não dava, tchau, bebida.

**Gafieiras – Quando você parou de fumar?**

**Noite** – Tem uns oito meses. Pouco tempo. Fumei por quase 50 anos.

**Gafieiras – E qual foi o motivo para você parar de fumar?**

**Noite** – Não sei, deu um estalo. Tava aqui um funcionário da nossa equipe que trabalha no estacionamento, aí peguei o charuto – eu fumava charutinho – "toma, leva tudo, a caixa, o charuto e o isqueiro". Deu aquele estalo e parei de fumar.

**Gafieiras – Não teve médico na parada?**

**Noite** – Não, não! Inclusive os médicos pediam, há mais de 30 anos, para que eu parasse de fumar. Mas continuei. Agora deu esse estalo, e pronto, parei.

**Gafieiras – Ainda sobre bebidas, teve uma época em que era só conhaque ou você passou por outras estações etílicas?**

**Noite** – Não, do conhaque passei depois para o uísque. Fases, né? Depois só uísque, uísque, uísque, uísque. Em seguida, teve uma época Campari.

**Gafieiras – Campari?**

**Noite** – É, Campari. Campari, Campari, Campari. Depois uma bebida que não sei se ainda está circulando, chamava-se Perno. Ô bebidinha sem-vergonha!! [risos] Não sei, cismava de beber aquele troço e ficava fora do ar. Aquilo quando pega é bem no cotovelo. Mas aí passou. Ah! Eu era chegado num vinho tinto, mas uma vez tomei um porre tão feio que cismeiquei que estava saindo de mim. Aquele vermelhão no chão, fiquei com medo e nojo de vinho. Não bebo mais, só minha mulher que também gosta de cerveja. Cerveja não bebo. Eu tomo o meu destilado aqui!

# O cara tirou o revólver e “Você é muito metido, negão!”

## **Gafieiras – Por que Atibaia?**

**Noite Ilustrada** – De Recife fui contratado para fazer um show numa casa aqui em Atibaia. Quando estava para fazer o show, a proprietária disse que tinha uma senhora que queria falar comigo, que era muito amiga minha. Então deixa eu ver quem é, manda entrar! Era a Denise [n.e. Sua atual esposa], que conheci há muito tempo, quando ela era casada e eu ainda vivia com outra criatura lá em Recife. Mas nessa volta ela já estava viúva, e eu, separado. Daí, papo vem, papo vai, conversa daqui, conversa dali, e fui fazer o show. Terminou o show, ela falou: vamos tomar um café lá em casa. Eu fui e estou tomando café até hoje. Depois nos casamos.

## **Gafieiras – Você foi casado outras vezes?**

**Noite** – Não. Eu tinha uma vida com uma outra pessoa, mas eu já era viúvo há muitos anos, uns 30.

## **Gafieiras – Eu estava vendo uma entrevista sua, em um comentário bem-humorado sobre uma das músicas, você falando das mulheres. Você foi um homem que teve muitas mulheres?**

**Noite** – Olha, vou te contar uma coisa: nessa época da noite eu dei um pouco de trabalho para as pessoas que viviam comigo. Acontece o seguinte: você sabe que a madrugada, a vida noturna é um chamariz, sei lá, quando você vai ver, pensa que está sozinho, tem alguém do seu lado. Você está sempre rodeado, sempre acontece alguma coisa. E eu não gosto de deixar para amanhã, não. É para resolver, resolve logo. Sempre dou sorte em uma desvantagem: eu me apaixonava com facilidade e isso foi um problema para mim. Sem vergonha nenhuma de dizer, tinha tanta namorada em São Paulo que eu ficava até com medo de não dar conta da responsabilidade. Mas como tudo tem sua época, aquela fase já passou. Tinha medo também porque sempre tem alguém olhando alguém, e às vezes eu chegava naquele alguém que estava me olhando e como eu não sabia se estava com alguém, podia dar um bolo danado. Igual a um samba do Nelson Cavaquinho que eu gravei há muito tempo (“Cheiro à vela”). [canta] “Não sei nada a respeito dela / Porque jamais convivi com ela / Se ela sai à noite, volta ao amanhecer / A mim não interessa / É o que debes fazer / Eu trato todos com muito respeito / Assim faz um homem o que é direito / Vou sair daqui / Seu caso cheira vela / Quem está te olhando é o marido dela”. Quer dizer, o marido dela é quem está olhando”. [risos] Então é esse negócio, naquela época eu não pensava nisso.

## **Gafieiras – Já teve que sair corrido alguma vez?**

**Noite** – Não, felizmente não. Mas uma vez na Ciroco, uma boate que geralmente abria à meia-noite e terminava quase meio-dia do outro dia, eu estava puro, sem más ou segundas intenções. O cara chegou com a criatura e sentou-se. Naquela época, a gente cantava com violão praticamente de mesa



em mesa. Quando sentei à mesa, a mulher começou a cantar uma música com a letra errada, e eu a acompanhando. Quando terminou, falei: “escuta, será que essa música não é assim?!” querendo dar uma ajeitada. Daí o cara tirou um revólver da cintura: “E o que você tem com isso? A música não é assim? Ela não cantou assim? Você é muito metido, negão sem-vergonha, safado!” E aquele revólver apontado para a minha cara e eu sem saber o que fazer... Perdi a voz, fiquei cinza, qualquer cor. A dona da casa, uma mulher branca, vendo a situação deu uma “avoada” do lado onde ela estava e empurrou o cara. O revólver saiu para o outro lado, pegaram e guardaram. Ah! Rapá, foi a época em que fiquei mais doido da minha vida. Comecei a dar porrada no cara e não parei mais!

**Gafieiras – É mesmo?**

**Noite** – Dei mesmo. O revólver na minha cara me assustou. Eu não estava com má intenção, estava tentando auxiliar, ajudar, mas não deu. Fui obrigado a pegar o cara dentro da boate.

**Gafieiras – Você era de briga?**

**Noite** – Se precisasse eu estava sempre bem-disposto. Bem-desconfiado, bem-cabreiro com tudo. É, a gente vem do Rio com essas malícias de preocupação em torno da gente. Isso é desde garoto. Porque como eu disse para você, fui criado praticamente sozinho no mundo, sempre me vigiei, sempre me defendi mesmo quando havia necessidade. Já apanhei bastante também. Agora, o que eu pude bater, bati mesmo, e batia bem também, não era bobo não.

**Gafieiras – Já brigou com algum músico?**

**Noite** – Músico?! De colega para colega não. Só discuti, mas brigar não.

# Senhoras e senhores, com vocês... é... hã... A Noite Ilustrada

## **Gafieiras – Você começou a cantar profissionalmente no Rio ou em São Paulo?**

**Noite** – Comecei a cantar lá no Rio. Eu fazia ponto na praça Tiradentes, no ponto dos músicos. Fui chamado pelo Zé Trindade para fazer uma excursão com ele como violonista. Saí em excursão e acompanhava os artistas que o Zé Trindade havia levado. Mas chegou uma certa altura que o Zé pediu para eu cantar. Foi aí que comecei a cantar em shows, mesmo profissionalmente, só para esticar o espetáculo.

## **Gafieiras – Não tinha faltado um cantor?**

**Noite** – Não, não faltou, o tempo de show é que estava pequeno. Então, como eu só acompanhava, ele achou que eu deveria fazer mais um número para esticar um pouquinho.

## **Gafieiras – O que você cantava?**

**Noite** – Naquela época eu cantava muito Cyro Monteiro, Ataulfo Alves, Nelson Cavaquinho. Cantava essas músicas, sambas autênticos, como até hoje faço. Esse era o meu estilo, Risadinha, Blecaute, Jorge Veiga, Moreira da Silva.

## **Gafieiras – Você ficou quanto tempo com o Zé Trindade?**

**Noite** – Não, isso aí foi um mês só, ele estava de férias da Rádio Mayrink Veiga e nós aproveitamos as férias dele. Aí depois voltei para o Rio...

## **Gafieiras – Foi aí que nasceu o apelido?**

**Noite** – Foi. Naquela época eu tinha pouca intimidade com o pessoal da caravana, então mais ensaiava, ensaiava e ficava pelos cantos. Existia uma revista que se chamava A Noite Ilustrada. Eu a comprava semanalmente porque gostava muito de fazer palavras cruzadas, ver a seção de humor. Ela tratava de teatro-revista e futebol. Mas como eu fazia muita palavra cruzada, e a resposta só vinha noutra semana, então semanalmente eu estava com a revista no bolso. E o Zé, na hora de me apresentar, esqueceu meu nome. “Senhoras e senhores, com vocês... é... hã... A Noite Ilustrada”. E eu pensei que fosse acontecer alguma coisa na cidade, porque como eu disse, o show era pequeno, e sei lá, arranjou mais gente para botar. E eu procurando, ele olhou para a minha cara... Noite Ilustrada! Olhei para ele sem saber... Noite Ilustrada!! Naquela época o nosso empresário era o Rubens Gomes, locutor da Rádio Vera Cruz lá no Rio, que chegou e “vá você mesmo, depois você discute. Agora é show, vá embora, vá embora”. Aí entrei e comecei a cantar. Mas quando voltei disse “pode parar Zé, pode parar porque eu não gosto de apelido”. Naquele tempo eu era meio grosso, mas não adiantou. E na hora de me apresentar no show do dia seguinte, esqueceu e lá vai Noite Ilustrada. Noutro dia esqueceu novamente e lá vem Noite Ilustrada. Quando fui ver não tinha mais jeito. Na volta, na rádio

Mayrink Veiga, o Zé me apresentava: “Ô Cyro (Monteiro), olha quem foi numa excursão comigo! Esse aqui, o Noite Ilustrada!” “Esse aí é que é o Revista?”. O Cyro era muito gozador. “Esse que é o Revista, Revistão”. E fui para o ponto dos músicos. Passados meses, vim para São Paulo com uma escola de samba. E no ponto todo mundo me chamava de Noite Ilustrada. Gravei aqui em 57 e já saiu Noite Ilustrada. Aí não deu mais para fugir. Gravou, ficou.

**Gafieiras – A primeira gravação foi em São Paulo?**

**Noite** – Foi.

**Gafieiras – Quais eram as músicas?**

**Noite** – Era um 78 rotações com “Cara de boboca”, e do outro lado, “Castiguei”, do Jorge Costa (com Venâncio). Depois fizemos um LP intitulado O cara de boboca, mas antes já tinha gravado por uma fábrica Príncipe, de um lado “Eu, você e Mangueira”, do Jorge Costa, e uma outra música que eu não me lembro mais do nome. Faz tanto tempo; foi em 1957.

**Gafieiras – Esse pela Príncipe foi o primeiro ...**

**Noite** – O primeiro compacto foi pela Príncipe, em 1957. Antes do “Cara de boboca”, que é de 1958.

**Gafieiras – E o que significou gravar, entrar em um estúdio pela primeira vez?**

**Noite** – Foi um negócio muito importante. Deu tremedeira! Qualquer coisa que me motiva fico logo tremendo. Entrei numa tremedeira danada no estúdio, mas o Renato de Oliveira – não sei se ele está vivo ou morto – “que é isso meu filho, está com a mão gelada, está frio por quê?” “É a responsabilidade, seu Renato!” “Fica calmo, fica calmo que vai sair”. E graças a Deus, a gravação saiu boa. Mas que fiquei gelado o tempo inteiro naquele estúdio, fiquei. Uma responsabilidade filha da mãe! É a mesma coisa quando você vai fazer pela primeira vez um programa de televisão.

**Gafieiras – Do que você vivia nessa época, Noite?**

**Noite** – Sempre vivi de música, desde 1954.

**Gafieiras – Mas como é que foi desde que você saiu do colégio interno?**

**Noite** – Saí do colégio e já estava trabalhando na fábrica de móveis. Trabalhei na oficina Leopoldina de estrada de ferro, trabalhei em fábrica de tecido, trabalhei de ajudante de pedreiro, pedreiro e estocador. Sempre trabalhei e me virei em alguma coisa, graças a Deus. Só não fui guia de cego porque não deu tempo.

# Um sucesso como “Conceição” e “A volta do boêmio”

## **Gafieiras – Você se lembra da repercussão de seu primeiro disco?**

**Noite** – Teve uma repercussão boa porque depois muitos outros conjuntos e orquestras começaram a gravar a mesma música que eu havia gravado, naturalmente porque chamou a atenção. “Castiguei”, do Jorge Costa [n. e. Compositor alagoano radicado em São Paulo nos anos 50), foi bem gravada. Até um paraguaio gravou e parece que fez mais sucesso que eu. Chamava-se Humberto Garin, trabalhou muito tempo com o Sílvio Santos, na produção. Ele trabalhou com um conjunto do Djalma Ferreira lá no Rio. O Gasolina também gravou “Castiguei”. Bom, de qualquer maneira, a música chamou a atenção. Dois anos depois, eu estava trabalhando na boate Meninão, na Alameda Nothmann, quando conheci o Alfredo Borba, que tinha recebido naquela época um convite para ser diretor artístico da Philips. Ele passou lá na boate e perguntou se eu queria fazer um disco com ele. “Vambora!” Eu achava que ia ser mais um disco, que aquele LP e compacto que eu tinha feito na Mocambo fossem dar resultados, mas começou e de repente parou. Mas, felizmente, o Borba disse: “Você tem música?” “Tenho música que a gente brinca pela noite, até o compositor está sempre aqui, amigo nosso, e a gente canta muito isso”. “Como é a música?” Aí cantei: “Chorei / Não procurei esconder / Todos viram / Fingiram”, que era a música do Paulo Vanzolini. [n.e. “Volta por cima”] “Tá bom, e o outro lado?” Eu tinha vindo de uma excursão na Argentina, de uma temporada no Teatro Maipo, onde tive uma namoradinha, daquelas de minuta. Na volta para São Paulo, parecia que o avião estava pertinho da Lua, e no meio do caminho fui fazendo uma música. “Oh! Lua triste / Estou magoado / Meu amor foi embora / Nem me deixou recado”. “Tenho uma música, ‘Lua triste’”. “Vambora, vamos fazer!” Aí gravamos o compacto. Mas o “Volta por cima” acabou com a minha música [risos] e tomou conta do Brasil, graças a Deus.

## **Gafieiras – Noite, sempre relacionam você com “Volta por cima” e grande parte de seu reconhecimento público vem dela. Ela se transformou em uma cruz?**

**Noite** – É, fica meio chato. Tenho a impressão de que já apresentei outras coisas, mas essa marcou porque foi um sucesso nacional, justamente como “Conceição”, com o Cauby (Peixoto), e “A volta do boêmio”, com o Nelson (Gonçalves). Quando é sucesso nacional ela marca o artista, não tem jeito. Foi o que aconteceu comigo com “Volta por cima”.

## **Gafieiras – Sobre “Volta por cima” você não suporta mais responder em entrevistas, não?**

**Noite** – Me encabulo um pouquinho mais com “Por que Noite Ilustrada?”. Este “Por que Noite Ilustrada?” é desde o começo, desde quando eu não era artista. Porque nasceu como gozação, não gostei, mas acabou ficando. Depois outros caras “Ô Noite”, “Ô jornal”. Consegui segurar. Mesmo

assim, depois de tantos anos, “Por que Noite Ilustrada?” Aí você tem que explicar o porquê de Noite Ilustrada, mas no fundo até fica gostoso, faz parte.

**Gafieiras – Você ainda tem alguma vibração ao cantar uma música que lhe marcou tanto?**

**Noite** – Quando o povo fala “Volta por cima”, digo “vambora”, que é para acabar de uma vez. Tem que cantar mesmo, senão as pessoas vão dizer que não era eu quem estava lá, era mentira. “Esse não é o Noite Ilustrada, não!”

**Gafieiras – “Volta por cima” é de 1963, não?**

**Noite** – 62.

**Gafieiras – Materialmente, o que ela lhe trouxe?**

**Noite** – “Volta por cima” me deu um espaço nacional. Eu só tinha um espaço local. Era cantor de samba de São Paulo. Depois, fiquei um cantor de samba nacional. Ando o Brasil inteiro, já fui para o exterior, pode ser até que tenha sido por causa dessa música, não sei. Na entrega do troféu Euterpe (n.e. Oferecido pelo jornal carioca O Correio da Manhã) lá no Rio, fui indicado como cantor sambista paulista. Apesar de ter vivido anos e anos e ter aprendido a cantar samba no Rio, saí de São Paulo para receber prêmio no Rio como cantor paulista.

**Gafieiras – Mesmo tendo morado no Rio, como foi essa recepção carioca?**

**Noite** – Pra mim foi muito importante porque tive oportunidade de receber esse troféu com gente famosa da época. Fora isso, ser reconhecido pela imprensa do Rio foi um negócio muito importante, porque batalhei muito lá para ter um reconhecimento qualquer. Receber esse troféu em pleno Teatro Municipal do Rio foi uma glória. Aqui em São Paulo recebi o Roquete Pinto, o Chico Viola. Essas coisas todas me trazem uma saudade grande porque são resultado de um trabalho de muito e muito tempo. Muita gente não sabia o quanto eu vinha batalhando, trabalhando em shows de caravana, circo, parque de diversões e boates até tantas horas da madrugada. De repente solto um disco, boto debaixo do braço, saio da boate, vou para as rádios fazendo trabalho de “catituagem”... Para mim foi muito importante.

**Gafieiras – Você tem alguma mágoa desses primeiros anos?**

**Noite** – Mágoa mesmo eu não tenho, não! Tenho umas lembranças tristes, mas acho que isso é normal. O trabalho recompensa... Estou com 73 anos e tô aqui tendo essa oportunidade que você está me dando. Fico glorioso por dentro porque é o lucro de um trabalho, estou na lembrança de alguém, alguém está lembrando de mim e isso é muito importante. Tenho a impressão que outros cantores com a mesma idade e tempo de carreira talvez não tenham, ou não tiveram, tantas lembranças como estou tendo ultimamente. E principalmente agora na Trama. O pessoal da Trama tem me dado uma abertura grande e isso tudo me comove.

# O único medo que tenho é que o samba perca a identidade

## **Gafieiras – Você sente falta de reconhecimento hoje em dia?**

**Noite Ilustrada** – Com essa falta de divulgação assídua, mais intensa, tenho impressão que está havendo uma reordenação geral em termos de artistas da música brasileira. O único medo que tenho é que o samba perca a identidade. Gostaria que houvesse um pouco mais de divulgação em termos do samba autêntico, raiz, chão. Hoje a gente vê o Jorge Aragão, que está fazendo um samba bom, gosto do estilo dele. Taí o Zeca Pagodinho com um samba bom. Mas têm outros conjuntos e cantores por aí dizendo que fazem samba e a gente fica meio preocupado, parece que há uma tendência em mudar a identidade. Acho que falta garra ou gente que entenda mais ou menos de música popular brasileira. O jovem não é obrigado a estar descobrindo essas coisas. É preciso que alguém jogue isso aí para eles guardarem, para pelo menos os pais falarem aos filhos, “Essa aí eu conheço”.

## **Gafieiras – Você estava falando de “samba” que não é samba. Você já se deparou com algum desses artistas que fazem pagode romântico? Como é que foi? Existe um reconhecimento da parte deles?**

**Noite** – Graças a Deus até que estou tendo muita sorte com eles. Não tenho convivência com todos, mas acho o Quinteto em Branco e Preto muito bom; eles tem uma certa consideração comigo, me tratam muito bem. Outros conjuntos que tive a oportunidade de conhecer em programas de televisão nunca me destratarem ou viraram a cara, graças a Deus. Fico preocupado – e é o que estou dizendo aqui – porque eles não têm uma determinada informação. Criaram com o recurso deles, do jeito que eles aprenderam, um estilo para eles. Mas se tivessem uma informação radiofônica, de televisão, ou de mídia impressa, sei lá, ou se privilegiassem uma informação diferente talvez não saíssem do original. Tanto que na época existia Quatro Ases e um Curinga, Os Anjos do Inferno, Os Namorados da Lua. Esses conjuntos eram quase tudo igual. Ninguém sentia diferença do tipo de diapasão, das vozes. Mudava um bocadinho, mas em termos de música popular brasileira era tudo igual. Hoje, não! Tenho observado que um conjunto faz um estilo, o outro faz o outro, o outro, o outro, que no fundo quando você vai tirar nozes fora daquilo ali não sobra muito. Seis pessoas cantando uníssono, não existe problema de vocalização, não tem problema de nada. Seis pessoas cantando uníssono aqui, seis pessoas cantando uníssono ali, uma coreografia, pronto e acabou. Não aprendi assim, mas é como dizem, falta informação.

## **Gafieiras – Sobre esse assunto, você declarou em uma entrevista que as letras de hoje são uma piada, e uma piada quando se repete perde a graça. Então, além dessa estrutura rítmica, a parte letrística também joga contra, não?**

**Noite** – Disse isso porque o compositor autêntico, o anterior, pensava para fazer. Hoje em dia parece que estão fazendo sem pensar. E tudo é sexo. Não existe um romantismo. O compositor antigo para dizer para uma moça que ele a amava, que gostaria de falar com os pais dela, fazia um rodeio. Não é que tudo tem que ser igual, mas se fazia um rodeio com palavras bonitas, bem colocadas. Subentendia-se que o pretendente queria se aproximar da moça, pedi-la em casamento. Hoje é aquele negócio, eu fico com você. Não entendo a letra com agressividade; entendo a letra que toma um caminho, que chega suave para a pessoa, sem agressão. Para cá talvez não seja tanto, mas no Norte, Nordeste, a agressividade é muito grande, o palavriado é agressivo. Eu recebia essas letras e de vez em quando pensava, “Acho que ele errou de endereço!” Mas sei que isso é o estilo de lá. Por isso gravei muitas músicas de compositores do sul e deixei de gravar muita música do Nordeste. Mas o compositor da minha época para falar “Para entregar uma rosa para aquela moça que me espera do outro lado do salão”, dava uma volta, arranjava uma colocação mais adequada, e você aceitava com a maior naturalidade. Hoje o cara diz “Vai lá e fica”. Aí fica ruim. [risos]

**Gafieiras – Você já teve problema com letra de música?**

**Noite** – Não, graças a Deus, nunca tive problema.

**Gafieiras – Nem mesmo com público, de não aceitar um tipo de letra?**

**Noite** – Não, não.

# A coisa mais importante que apareceu foi a bossa nova

**Gafieiras – Retomando a linha histórica que você estava me contando... Em meados dos anos 50 você veio para São Paulo, em 62 lançou “Volta por cima” e nesse meio tempo surgiu a bossa nova. Como é que você viu a chegada da bossa nova? E que lembranças você tem do comportamento de artistas que eram de uma escola musical anterior?**

**Noite –** Na minha maneira de pensar, a coisa mais importante que apareceu na música popular brasileira foi a bossa nova. Ela enriqueceu a música popular brasileira com harmonia, com acordes, com palavras bonitas. Vibrei com a bossa nova. Agora, a única coisa que lamentei foi que a bossa nova ficou num bloco determinado, não abriu espaço para um Cyro Monteiro. O Cyro Monteiro veio muito depois com a bossa velha. Como é se chamava o programa que a Elizeth apresentava?

**Gafieiras – Bossaudade.**

**Noite –** Bossaudade [n.e. Programa da TV Record nos anos 1960 apresentado por Elizeth Cardoso e Cyro Monteiro] veio depois. A bossa nova não abriu espaço para sambistas como o Roberto Silva e o Jamelão. Foi uma pena. Parecia que eles estavam discriminando. Eles poderiam, naquela altura, dar oportunidade à essas pessoas, inclusive até para se reeducarem. Reeducarem melodicamente, porque a bossa nova é muito rica em harmonia. Foi uma beleza para a música popular brasileira. Se algum dia surgir mais uma bossa nova – claro, com um estilo diferente, mas para enriquecer a música brasileira – para mim seria ótimo.

**Gafieiras – Como poderia ser aberto espaço na bossa nova para esses intérpretes que você citou, Noite?**

**Noite –** Lembro-me que o Roberto Carlos tinha um programa, e o vi apresentando o Ataulfo Alves. Quero dizer, era uma abertura que ele estava dando para o bossa velha. Eu achava que essas coisas deveriam ter acontecido também nas boates e nas casas noturnas. Deveriam botar um crooner da bossa nova e um da bossa velha, sei lá, não sei se o que estou falando tem alguma validade, mas seria uma espécie de fusão, de um aprender com o outro.

**Gafieiras – Você acha que o pessoal da velha guarda teve uma reação inversa à sua, com muitos criticando a bossa nova?**

**Noite –** Teve sim, porque existe em todos os setores o melindrado. “Agora só tocam essas músicas! A gente não toca mais!” Sempre tem, né? Se você for analisar, de um certo modo, eles tinham até razão, porque poderia ter um programa da bossa nova e da bossa velha. Como tinha o Moraes Sarmiento (n.e. 1922-1998, homem de rádio e TV, defensor das raízes da música brasileira) que segurou a turma da bossa velha durante muitos anos. Mas é que o bossa velha tocava num horário [risos] que não tinha



nada a ver com a audiência. E a bossa nova só tocava nos horários que davam audiência. Então vem aquela “magoazinha”, aquela “invejazinha”.

**Gafieiras – E como você tentou se aproximar da bossa nova?**

**Noite** – Não, eu não tentei porque foi numa fase em que eu estava bem com o meu repertório. Tive sorte. Eu tinha duas ou três músicas na parada, não tinha por que me preocupar com a bossa nova. Estava achando bom pelo aprendizado que ela estava dando para um bocado de compositores e músicos novos, principalmente eu que tocava violão naquela época. Também tentava arranjar uma “harmoniazinha” para sair quase igual, mas nunca saía. Lembro-me bem que o Ataulfo Alves fez uma música dessa, da bossa nova com a música dele. Dá para cantar aí? [canta e palmeia "Vassalo do samba", gravada no LP Eternamente samba, CBD, 1966]: “Tentei fazer um samba diferente do que faço / Confesso minha gente, saí fora do compasso / Errei na divisão / Cheguei à conclusão / que o samba não me quer moderno, não / Meu samba protestou e o vexame foi total / Quem foi quem mandou / eu sair do original / Meu samba eu sei que é rei / Pisei em meu próprio calo / De vossa majestade, eu sou vassalo”. O Ataulfo até fez uma introdução moderna para esse samba [canta a melodia de queda jazzista]. Tudo para poder se assimilado. Até ele que já tinha uma vida artística muito maior que a minha naquela época tentou ir. Mas a bossa nova era um negócio intocável para nós, do time das antigas. Mas a gente tentava chegar lá, fazendo esses arranjinhos malucos como o que o Ataulfo fez.

**Gafieiras – Que diferenças você traçaria do samba que se fazia para o da bossa nova? Existe realmente uma dificuldade em se compor dentro da estrutura bossa-novista? Essa riqueza toda existia de fato e pesava para o Ataulfo?**

**Noite** – Pesava pelo seguinte: nós não tínhamos mais tempo de estudar, e a bossa nova veio de um conjunto de estudiosos, gente que conhecia harmonia, que lia música. Nós éramos autodidatas, o que sabíamos de violão era o que tínhamos aprendido numa roda de samba ali, com um amigo. Ninguém teve capacidade de estudar, de procurar letras fortes para poder encaixar dentro daquelas harmonizações que eles faziam. Na minha maneira de pensar, foi isso que chocou os Nelsons Cavaquinhos e os Cartolas da vida; chocou Ataulfo Alves, gente acostumada com aquele dó maior, dó maior comum sem nona, sem sétima. Isso mexeu. “Não vou estudar, não! Vou cantar o que cantei até hoje”. Mas a bossa nova valeu muito! Só lamento naquela época não estar preparado para estudar, porque se estudasse talvez eu até tivesse acompanhado um pouco o estilo deles.

# A música não é culpada por nascer em berço errado

**Gafieiras – Você disse em outra entrevista que o título que Vinicius de Moraes deu para São Paulo (n.e. Túmulo do samba) quase enterrou todos os sambistas com trabalho e uma longa vida na capital paulista. Como foi essa história? Qual era a relação de São Paulo com o samba naquele momento em que foi dado esse título?**

**Noite** – Tenho a impressão que ele viveu em São Paulo numa época em que andou fechando uma série de casas noturnas por problemas fiscais, essas coisas burocráticas. Tive fases em que eu trabalhava em três casas. São Paulo era um oba-oba, tinha um movimento muito grande. Eu trabalhava na Pierrot, na Vieira de Carvalho, saía da Pierrot ia para o Vagalume, ali no fim da Augusta, na Avaiandava, aí saía do Vagalume ia para o Ciroco. O Ciroco começava meia-noite e terminava meio-dia. Pode ser que ele tenha vindo a São Paulo quando a cidade enfrentava esse problema todo, e aí disse que era o túmulo do samba. No auge de São Paulo ele devia estar em Paris. Talvez não tivesse conhecimento do que foi São Paulo nos anos 60, uma época em que a cidade balançou a madrugada.

**Gafieiras – Você chegou a ter contato com o Vinicius?**

**Noite** – Somente por telefone, porque houve um problema muito sério em termos de música, não gosto muito de entrar em detalhes, mas já que estamos conversando, é bom eu deixar registrado. Vou entrar no mérito da questão, mas não dou continuidade porque a pessoa não está aqui para dizer o sim ou o não, para discutir o problema. Vou ficar falando sozinho e a palavra vai pro ar. O Vinicius quando estava em Paris mandou a letra de uma música para o Adoniran Barbosa. Quando ele viu a letra achou que não tinha condição de botar melodia. Eu estava junto quando ele recebeu essa letra. Estávamos na barbearia do Baiano, na Rádio Record, na Quintino Bocaiúva, onde hoje é Irmãos Vitale. Salão do barbeiro sempre rola uma piada. O Adoniran falou: “Não vou conseguir botar melodia nisso aí, não! Leva e vê o que você faz!” Naquele tempo eu morava na General Osório, quase esquina com a Barão de Limeira. Morava numa casa, numa boca de lobo, lá nos fundos. Moravam muitos colegas que trabalhavam em boates, como a Eli Correa, que era cantora, o Jacob, que tocava violão, o compositor Floriano Matos. Eu tinha um gravador, aquele gravador geloso, “tiquitiquitiquitiqui”, barulhento. Fiz a melodia dentro da letra. O pessoal estava me ouvindo quando fiz a música. Mostrei quando terminei. No outro dia entreguei ao Adoniran Barbosa, “Veja se você gosta disso aí? Foi o que deu para fazer.” Depois de uns três meses, bateram na porta do barraco. “Noite, ô Noite! Sua música está tocando no rádio!” Fui lá ouvir. Quando o cantor acabou de cantar, o locutor falou “Acabamos de ouvir, com Aracy de Almeida, “Bom dia, tristeza”, de Adoniran Barbosa e Vinicius de Moraes”. Todos ficaram me olhando esperando falar o meu nome, mas ninguém falou. Aí me deu uma tristeza muito

grande. Fui até o Adoniran e falei com ele. [imitando a voz do autor de "Trem das onze"] "O Vinicius falou que só queria dois compositores!". "Então, se eram dois, você não tinha que estar!" "Não, ele queria que eu participasse, porque tinha mandado a letra para mim." "Ah! Tá certo! Quer dizer que eu não..." "Não, nós vamos fazer outra música, a gente combina." Como de fato ele fez uma letra e mandou para mim, que é o "Rolinho de pastel", e quem gravou foi a Carmen Silva. E quando fui ouvir... "Acabamos de ouvir, com Carmen Silva, de Marques Filho e Peteleco, "Rolinho de pastel"". Sabe quem é esse Peteleco?

**Gafieiras – O cachorro do Adoniran.**

**Noite** – Fiquei tão chateado com o Adoniran Barbosa. Vou brigar com ele? Não tenho condição de brigar com ele, chamá-lo para uma polêmica. Sei que ele foi um homem com uma bagagem muito grande, e nessa bagagem tinha Marcos César e uma porção de gente que deu apoio para ele. Mas tudo bem, não estou tirando o mérito dele, apenas estou dizendo que ia ser uma polêmica muito difícil. Eu estava chegando, e ele já era um compositor, ator, humorista. Ele estava com tudo na frente. Então, qualquer coisa que eu dissesse "Tá querendo pegar escada?", poderiam pensar, coisa que nunca fiz na minha vida, subir nas costas de ninguém. Só fiz o que Deus me deu.

**Gafieiras – E depois disso como é que as coisas ficaram? Você falava com ele?**

**Noite** – Não, pelo contrário, toda vez que ele me via, mudava de calçada, ia para outro lado, para outra rua. Ele não me encarava mais de frente. Quando fui fazer um Ensaio, do Fernando Faro, contei essa história, e ele convidou o Adoniran para participar comigo de um debate. Ele falou [imitando Adoniran]: "Ele tá louco, ele tá louco! Não vô não!" E não quis ir, não quis participar um debate frente a frente. O que eu pude fazer? Ele não quis ir e eu perdi uma oportunidade.

**Gafieiras – Mesmo assim, você consegue visualizar qual a contribuição de Adoniran Barbosa para a música de São Paulo? Você acha que os créditos que dão à música paulista estão muito concentrados em Adoniran?**

**Noite** – Infelizmente. Mas temos compositores como o [Eduardo] Gudin, gente que sabe fazer música. Já tivemos o Jorge Costa, o Denis Brean [n.e. Augusto Duarte Ribeiro, 1917-1969, autor de "Boogie-woogie na favela" e "Bahia com h"] [canta] "Chegou o samba minha gente minha gente cheio de novidade", quer dizer, músicas que tocam até hoje. O Roberto Roy, o Sereno [n.e. 1909-1978, cantor, compositor e multiinstrumentista paulista], tanta gente boa, mas as pessoas identificam um e por um trabalho só, "Trem das onze", que foi uma música que pegou nacionalmente. As outras são boas, mas não são um "Trem das onze". Como ele tinha mais espaço na mídia, além de trabalhar dentro dela, ele ficou como um representante do compositor paulista.

**Gafieiras – Você canta músicas dele em seus shows?**

**Noite** – Canto.

**Gafieiras – A história de "Bom dia, tristeza" não interfere?**

**Noite** – Não, acho que a música não é culpada por ter nascido em berço errado. [risos] O povo pede e quando o povo pede, você tem que cantar, tem que valorizar.

**Gafieiras – "Bom dia, tristeza" já esteve em seu repertório?**

**Noite** – Para ser franco com você, a única música que não gosto de cantar é "Bom dia, tristeza". Mas eu canto "Trem das onze", "Samba do Arnesto", esses babados todo. Não gosto de cantar "Bom dia, tristeza" porque a fita começa a voltar.

# Prestei concurso para ser motorista de caminhão da Prefeitura

**Gafieiras – Você disse que a música “Perfil de um sambista” resume sua trajetória.**

**Noite** – Sem dúvida.

**Gafieiras – Como ela surgiu?**

**Noite** - Tenho até a fita que o Adauto Santos fez para mim. Gosto de deixar guardado o que o compositor fez. Eu estava sentado aqui, tocou o telefone. Era o Adauto. “Oi Noite, como é que você está, é o Adauto!” “Onde é que você está?!” “Estou em Guararema!” “O que você está fazendo em Guararema?” “Estou na casa de uns amigos meus, e nós acabamos de fazer uma música para você!” “É mesmo, Adauto?” Eu já tinha gravado coisas do Adauto antes, como o “Chora viola” (Noite Ilustrada, Tapeçar, 1975), que era dele e do Paulo Rogério. Gosto muito da maneira como ele fazia a música. O Adauto era desses compositores metódicos. “Quer ouvir aí?” “Pô, Adauto, pelo telefone?” Ele cantou a música com regional. Fiquei ouvindo, “Esses caras vão mexer na minha vida”. Cantou e cantou. “Legal Adauto, mande a fita!” Aí aparece o Faro. “Vamos fazer um disco?” “Vamos!” “Como é que está o repertório?” “O repertório está aí!” “Quero gravar suas coisas antigas. Você faz uma fita com essas coisas todas.” Mandei uma fita com mais de 50 músicas. Ele deve ter ficado doido com aquela montueira de músicas. “Mas com um adendo: eu gostaria de gravar essa música Perfil de um sambista. “Não tem problema, vamos gravá-la”. Ficaram essas 14 músicas que estão aí. Com o “Perfil de um sambista” o Adauto mexeu com “Volta por cima” e uma época difícil da minha vida, em que eu trabalhava em duas, três casas para sobreviver, tinha mulher, filho, aluguel e uma porção de coisas para resolver. Enfim, aqueles babados que o músico passa e que muita gente pensa que cai do céu. O Adauto, inclusive, foi colega de boate.

**Gafieiras – Isso nos anos 60?**

**Noite** – Isso! Ele estava chegando do Paraná. Bom, aí comecei a analisar a letra [canta] “Chorei, eu sou um dos poucos que restam com fama de bamba / Sou a marca de um tempo, retrato de um samba / Que ilustrou tantos dias, noites e madrugadas / Chorei, já cai, levantei, conheci a descida / Aprendi bem depressa as lições dessa vida / Me tornei professor nesta minha jornada / Eu vi os janeiros passando no meu dia a dia / Fevereiro trazendo muita fantasia / Muito samba rolando muito carnaval / Eu fiz com que minha alegria alegrasse a tristeza / Fiz a vida a tornar uma linda princesa / Transformei o meu mundo no mais alto astral / As marcas dos meus dissabores o tempo apagou / As duras penas voaram para sempre, o vento levou / Falsos amigos, falsos amores, falsa canção feita sem rima / Tudo é passado, tudo acabado, é a volta por cima”. O Adauto foi muito feliz. Eu não saberia me retratar

assim.

**Gafieiras – Que imagens passam pela sua cabeça quando você está cantando “Perfil de um sambista”? E que reação você teve quando ele te mandou a fita?**

**Noite** – Ele veio aqui em casa duas ou três vezes, mas dessa vez ele mandou a fita. Você começa a ouvir essas coisas – sou muito emotivo – e se vê em situações que, “Poxa!, como é que ele foi colocar essa palavra no lugar certo? “Sou um dos poucos que restam com fama de bamba”. Sou pelo tempo de trabalho, pela idade que tenho, “Sou a marca de um tempo, o retrato de um samba”, um samba “Volta por cima”. Não me recordo direito, mas vou contar. A mim me dá muita afobação, vou acompanhando o roteiro da letra. No fundo também somos um pouco ator, por que pegamos uma letra, entramos dentro e começamos a viver aquilo. Às vezes você se encontra em situações embaraçosas, porque se a letra é de um compositor que fez para ele, é um assunto dele, e assim talvez você não se envolva tanto. Mas quando a música tem alguma relação com você, você se sente envolvido com aquele bolo.

**Gafieiras – Com que outras músicas você tem esse envolvimento?**

**Noite** – Gosto muito de “Chuvas de verão” (Fernando Lobo). Não sei por que, acho uma letra bonitinha, descompromissada. [canta] “Podemos ser amigos simplesmente”, um negócio bem colocado. Tem outras músicas, “Meus tempos de criança” (Ataulfo Alves) me traz muita saudade. [canta] “Eu daria tudo que tivesse para voltar aos tempos de criança”. É lógico que pela infância que tive não era para ter muita saudade, mas sempre lembro de alguma coisa, como jogar peão no colégio.

**Gafieiras – “Perfil de um sambista” cita as descidas como metáfora de momentos difíceis. Como essas descidas pontuaram sua carreira?**

**Noite** – Essa é uma frase bem aplicada, “Já caí e levantei, já conheci a descida”. Foi uma fase difícil o período do AI-5, com a censura caindo de todo o jeito em cima. Não tive problemas com a censura, mas ela andou fechando casas e atrapalhando a vida financeira dos músicos. Naquela época fiz um concurso para ser motorista de caminhão de lixo da Prefeitura. E felizmente passei no exame. Não havia trabalho, nem na noite, nem em viagens e shows. Depois de ter passado no exame, veio aquela preocupação. Não era vaidade, não! Talvez uma preocupação vaidosa, isso sim! Já pensou eu passando na avenida Ipiranga com a São João dirigindo um caminhão de lixo, passando no ponto dos músicos e todo mundo ali. É aquela vaidade boba que fica na cabeça. Mas naquele dia que eu estava fazendo exame, vi que muita gente tinha mais necessidade do emprego do que eu. “Posso até ir para um emprego desse, mas amanhã estou largando; vou tirar a posição desses caras que estão precisando”. Não fui! “Vou tentar outra coisa, não sei o que vou fazer”. Fiquei aguardando! Depois as coisas foram surgindo normalmente e a situação melhorou. Mas foi uma época muito difícil.

**Gafieiras – Gravar disco nessa época nem pensar?**

**Noite** – Não se gravava. Parou tudo.

# Fui levado para a Trama pelas mãos do Fernando Faro

**Gafieiras – Como estava sua carreira antes de Perfil de um sambista? E o que ele representou?**

**Noite** – Como eu disse, passei dez anos pelo Norte/Nordeste e lá gravei pela Polydisc. Dei uma sorte em termos de gravação porque os discos começaram a vender bastante por aqueles lados. Depois vim para São Paulo e a essa altura me desliguei da Polydisc. Foi quando recebi esse convite do Fernando Faro para irmos para a Trama. Fiquei feliz porque não sabia o que ia acontecer comigo em São Paulo. Como eu já estava deslocado há muito anos, não sabia nem com quem eu deveria falar ou tratar em termos de discos. Fui levado para a Trama pelas mãos do Fernando Faro. Lá tive a felicidade de conhecer o João Marcelo [n.e. Bôscoli, diretor artístico da gravadora], que é uma criatura belíssima. Ô menino decidido! Não é aquele negócio que você entra em escritório de gravadora, “Espere aí que eu tenho que acertar com não-sei-quem”; é o horário da canseira. Com ele não tem esse babado, não!

**Gafieiras – Você conhecia a Trama antes da gravação desse disco?**

**Noite** – Não, não conhecia.

**Gafieiras – E como é que foi o processo de gravação? Você passou 50 músicas para o Faro. Que músicas que não entraram no disco que estavam nessa relação?**

**Noite** – Para ser franco, nem me lembro mais, faz tanto tempo.

**Gafieiras – Você já havia trabalhado em disco com o Fernando Faro?**

**Noite** – Não, foi o primeiro disco. Antes, só fizemos o Ensaio [n.e. Programa da TV Cultura criado e produzido por Fernando Faro].

**Gafieiras – E já conhecia o Bocato e o Sizão Machado?**

**Noite** – Não, os conheci na época da gravação. Do Sizão já tinha ouvido falar. Ele trabalhou com a Elis Regina. O Bocato conheci somente agora. Por sinal, calhou bem, porque o Bocato, como o Sizão, é um cara simplório, fácil de falar, não é um músico bobo e é muito viajado. Tanto ele como o Sizão são muito bons músicos.

**Gafieiras – A idéia do disco foi recriar uma atmosfera sonora que já existia?**

**Noite** – A maioria das músicas eu já havia gravado, com exceção de “Perfil de um sambista”, “Beco sem saída”, “Meus vinte anos” e “Minha primeira escola”. Essas são as novidades.

**Gafieiras – Sua música circula bem no Norte/Nordeste. Após o lançamento desse disco, você teve uma resposta melhor em São Paulo?**

**Noite** – Não, não tive. É até uma das coisas que eu reclamaria com a Trama, apesar de todos os cuidados que eles tiveram. Faltou essa garra de mídia dentro de São Paulo, de mais comunicação, mais entrosamento, porque como fiquei muito tempo fora de São Paulo, perdi a identidade. E a gravadora

tem a possibilidade de mexer com tudo isso; faltou garra para ir ao encontro da mídia.

**Gafieiras – Essa era a expectativa que você tinha com o disco?**

**Noite** - Eu pensava que a Trama fosse cair por aí, porque os canais de televisão estão todos aqui em aqui... [se engasga] como é que é? Emetevi?

**Gafieiras – MTV?**

**Noite** - MTV. Se está tudo aqui por que não atacar todos. Os programas de televisão, queira ou não, são vistos por alguém. Fizemos bastante jornais, que também valeu. Mas essas televisões eram necessárias.

**Gafieiras – Como havia muitas músicas para esse disco, existe a possibilidade de um volume 2?**

**Quais são os próximos planos discográficos?**

**Noite** – Em termos de disco, honestamente, tem duas situações para conversar com o Faro ou com o João Marcelo, se eles quiserem ainda que eu faça. O que existe no nosso contrato são dois CDs, mas preciso ver se dá para fazer o que eu estou pensando. Na minha cabeça está assim: eu podia fazer um CD com músicas inéditas, porque o que não me falta é música inédita. Tá vendo isso aqui? [aponta para um pacote] É tudo o que mandam para mim. Ainda não ouvi. Fora as músicas guardadas. Outra coisa é dar seqüência à série Arquivo, que fiz quando eu estava na Continental. Gravava essas músicas antigas e como também gravava um disco com músicas inéditas. Trabalhava o inédito, já que o antigo ia sozinho, sem forçar, porque eram músicas que já tinham sido gravadas.

# O senhor não interessa mais à gravadora

**Gafieiras – Você tem alguma bronca com gravadora?**

**Noite** – Só tenho uma tristeza com uma gravadora que foi injusta comigo. Eu estava numa fase muito boa em termos de execução, de vendas, de tudo, e a Philips fez uma maldade grande. Até o Ataulfo Alves falou para mim: “Por que você saiu da Philips?” “Eu não saí da Philips. A Philips me mandou embora!” “Você não tem que sair da Philips, ela é a nossa casa!” O Ataulfo Alves era apaixonado pela Philips. Quando recebi um bilhete, “A partir deste instante o senhor não interessa mais à gravadora”, aqueles babados todos que eles mandam para a gente, fiquei sem saber e até hoje não sei por que me mandaram embora. Eu vivia uma fase muito boa, vendendo bem, estava em todas as paradas.

**Gafieiras – Em que época foi isso?**

**Noite** – Em 1968, por aí. Não estou lembrado.

**Gafieiras – Ficou por muito tempo na Philips?**

**Noite** – Fiz cinco LPs.



# Se você quiser 6 CDs só com inéditas, eu tenho

**Gafieiras – Gostaria de falar sobre o Noite Ilustrada compositor.**

**Noite** – Quem faz as composições é o Marques Filho. O Noite é só o intérprete.

**Gafieiras – O que você pode dizer então do Marques Filho?**

**Noite** - Agora vou falar como o Marques Filho, esqueça o Noite Ilustrada. Tenho uma série de músicas inéditas guardada. O que faço ponho logo na fita. Minha mulher sabe onde é que está, porque se de repente o Pedro mandar eu subir... [risos] As músicas estão aí no arquivo e lá dentro de uma caixa do correio. Tenho muita facilidade em fazer música, modéstia à parte. No momento não estou fazendo, mas teve uma época em que eu fazia duas, três músicas por dia, e já ia botando no gravador. Agora não estou fazendo nada! A memória está devagar. Às vezes aparece um tema bom, e você quer desenvolvê-lo, e vem outra coisa à cabeça.

**Gafieiras – Muito samba?**

**Noite** – Muito samba, marcha-rancho. Gosto muito de marcha-rancho, sou da época daqueles blocos. Ah! meu Deus do céu! E tem também samba-maracatu, porque vivi lá [n.e. Refere-se ao período que viveu no Nordeste]. A minha primeira composição foi gravada em 56 quando vim a São Paulo. Foi gravada por Dolores Barrio, que era cantora da Rádio Record, e a música chamava-se “Vai saudade”. Depois gravei com a Neide Fraga (n. e. 1924-1987, cantora paulista de curta carreira discográfica), também da Record. Depois com a Carmen Silva, Edith Veiga. Veja você, a maioria das vezes gravei com mulher! Elas gostam de saber o que tenho. Tenho muita vergonha de mostrar músicas para colegas, porque às vezes pensam que a gente quer aproveitar da amizade para mostrar as músicas. Então, não mostro. Quando me pedem, eu mostro. Outro dia o Jair [Rodrigues] me pediu uma. Gravei com o Jair também. Gravei quilos de músicas minhas. Se você quiser cinco ou seis CDs agora, só com músicas inéditas, eu tenho. E sem fazer besteiras. Se você quiser 5 ou 6 CDs do Resgatando, eu tenho. Sempre me preparei para isso.

**Gafieiras – E desse pessoal que te manda material, tem compositor bom?**

**Noite** – Tem o Flavinho da Portela que eu gravei uma música muito boa quando estava lá no Norte; tem o Adailton Alves, filho do Ataulfo Alves, que tem um repertório muito bom; tem o Ataulfo Junior, que também é filho do Ataulfo. Tenho inéditas do Adauto Santos e do Geraldo Filme. Tem o Zé Domingos, da boate Confraria, o Talismã, e uma série de compositores.

# Se eu ficasse no Rio não seria artista profissional

## **Gafieiras – Atualmente, que relacionamento você tem com o Paulo Vanzolini?**

**Noite** – Faz tempo que a gente não se vê. Um dia desses eu estava fazendo um programa da Inezita Barroso e ela comentou sobre o Paulo, que também fazia tempo que ela não o via. Aliás, ela é quem ia gravar o “Volta por cima”, mas só que quando o Paulo apresentou o samba para Inezita, ela já estava terminando o disco e não cabia mais. Foi quando gravei essa música. Sabe quando foi a última vez que eu o vi? Você não vai acreditar! Lá em Roraima, no aeroporto de Rio Branco. Ele estava lá há dias, foi buscar umas baratas, aranhas, lagartos, ele trabalha com essas coisas [n.e. Paulo Vanzolini é doutor em Zoologia pela Universidade de Havard, EUA]. Conversamos um pouco. E não vi mais Paulo.

## **Gafieiras – Ele falou que parou de fazer música.**

**Noite** – Quem bebe da cachaça não pára assim tão fácil. Tá fazendo charminho.

## **Gafieiras – Noite, se em vez de ter vindo para São Paulo você continuasse no Rio nos anos 50, que rumo poderia ter seguido sua carreira? Você já pensou nisso?**

**Noite** – Já pensei. Acho que não seria artista profissional. Talvez estivesse fazendo outra coisa. O Rio, em termos de rádio, já estava completo. Você pegava o cast da Rádio Nacional estava todo completo. Pegava da Rádio Tupi, todo completo. Da Mayrink Veiga, todo completo. Da Rádio Guanabara, todo completo. Você não tinha espaço artisticamente para aparecer como cantor. Tinha sim uma série de programas de calouros, como do Renato Murce, do Pato, do Ary Barroso, mas isso não te dava condição de ser um profissional de rádio naquela época. Na Rádio Nacional quem mandava era o Chico Alves; quem mandava na Tupi, se me lembro bem, era o Gilberto Alves; na Mayrink Veiga era o Cyro Monteiro. Tinha em cada emissora um cast já pronto e com artistas de gêneros diferentes. Hoje é tudo o mesmo gênero, todo mundo faz a mesma coisa. Era cantor de valsa, fox; tinha aquele negócio de intérprete de cada gênero. Então, tudo era mais difícil. Sambista geralmente eram dois em cada emissora. Bom, aqui em São Paulo, tive a sorte de ser contratado no mesmo dia pela fábrica de disco e pela rádio. Para mim foi uma surpresa, vinha lutando há tanto tempo e de repente fui contratado pela Rádio Nacional e fábrica de disco Mocambo. Até fiquei desconfiado.

## **Gafieiras – Como foi essa história?**

**Noite** – Foi num aniversário do nosso saudoso e querido amigo H. Muniz, que era um jornalista que dava apoio e mídia a todos os cantores da madrugada. Quando fez aniversário, ele convidou os cantores da madrugada para participar. Foi na Adega do Arouche, lá no Largo do Arouche. E nessa festa tinha artista de circo, de televisão que estava começando, artista de cinema, de rádio. Tinha artista de todo o gênero e todos foram, porque ele era muito querido. Nessa apresentação de colega,

cada um ia e cantava duas, três músicas. Chegou minha vez. Cantei a primeira música e fui aplaudido normalmente. Quando fui cantar a segunda, levantou-se um senhor da mesa e disse assim: “A partir desse instante, Noite Ilustrada está contratado pela Fábrica de Discos Mocambo”. A pessoa que disse isso chamava-se Eduardo Souza Costa, era o diretor da Mocambo naquela época, e veio morrer aqui em Atibaia também, infelizmente. Não veio me perseguindo, não!! [risos] Aí cantei outra música. Levantou-se outro senhor e: “E a partir desse instante, Noite Ilustrada está contratado pela Rádio Nacional de São Paulo”. Era o Edmundo de Souza, diretor da Rádio Nacional. Aí já fiquei meio preocupado, porque tinha muito uísque em cima da mesa. Todo mundo estava bêbado. Fiquei feliz com aqueles convites todos, cantei e voltei para a boate para dar continuidade ao meu trabalho, porque fui para a festa numa hora de folga. E passou uma semana. Daí a pouco apareceu o Eduardo Souza Costa. “Ô rapaz, você vai assinar o contrato ou não? Ele está lá em cima da mesa!” “Vocês estavam falando sério? Vi muito álcool sobre a mesa e...” “Não, é tudo sério. O contrato está lá em cima da mesa. Vá lá acertar esse negócio”. E fui assinar o contrato. Quem fez os arranjos foi o Erlon Chaves e a regência foi do Renato de Oliveira. Quis saber se o negócio era de verdade e fui até a Rádio Nacional. Cheguei lá e o Edmundo “Ô, até que enfim, vai assinar ou não?!” Daí passei a integrar o programa Manoel de Nóbrega. Essas coisas... Se eu tivesse no Rio isso não ia acontecer. Ia ser muito difícil, porque o campo já estava minado. O que não faltava no Rio era sambista. A essa altura, não seria eu que teria essa oportunidade no Rio. Tive em São Paulo.

**Gafieiras – A música de São Paulo tem uma característica? Você consegue identificá-la?**

**Noite** – Já teve. Hoje não tem mais. Você pode olhar, quase todas as escolas de samba tem sambista do Rio, quase todos os estúdios de gravação tem sambista ou músico do Rio, então hoje está tudo englobado, está tudo certinho. Não tem mais “o ritmo do Rio é mais assim, de São Paulo é mais assim”. Até pode ser que o Rio ainda conserve aquele clima quente em termos de gravação, de estúdio. Eles são mais apegados. O paulista é mais tímido. Mas não que ele não tenha competência, é só mais tímido. Acho que já houve problemas em termos de acompanhamento, que era um pouco mais quadrado, o estilo era um pouco mais paulista. Hoje nivelou geral.

# A única coisa que peço é para morrer em casa

## **Gafieiras – O Silvio Caldas também morou em Atibaia. Como era a sua relação com ele?**

**Noite** – Titio era muito importante para gente daqui. Silvio Caldas era carinhosamente chamado de Titio. Quando vinha em casa ele tinha seu lugarzinho. Sentava lá naquele cantinho, já estava meio adoentado. Ele tinha problemas para sentar, quero dizer, nádegas, já estava magrinho. “Escuta meu filho, me arruma um travesseiro porque vocês têm com que sentar, eu não tenho!” [risos] Era muito espontâneo, muito alegre. Ele vinha aqui e a gente cantava. Ele gostava de participar das reuniões que fazíamos, e foi numas dessas ocasiões que tive uma surpresa: ele cantou “Beco sem saída” e eu não sabia que a música era dele [n. e. Gravada por Silvio Caldas em disco homônimo, Continental 1974). Depois ele gravou com os Trovadores Urbanos. Achei que merecia uma outra gravação, não que eu fosse fazer melhor, mas era só para dar continuidade aquele repertório, àquela imagem bem feita de letra. Fiquei muito feliz por ter gravado.

## **Gafieiras – Você acha que Silvio Caldas é lembrado como deveria?**

**Noite** - Memória é um negócio muito sério. Vai fazer o quê? Nelson Gonçalves morreu há pouco tempo. Se a gente for pensar assim... Nem ligo mais porque acho que vou passar pelo mesmo problema. O Chico (Alves) se foi, ninguém lembra. O Orlando (Silva) se foi, ninguém lembra. O Carlos Galhardo se foi, ninguém lembra. O Ataulfo Alves também, e ninguém lembra. Vou fazer o quê? Comigo vai acontecer a mesma coisa.

## **Denise – Por que não se lembra?**

**Noite** – Não se lembra porque não temos uma mídia radiofônica. O rádio é o maior meio de comunicação que você pode ter. Ele manda para as pessoas e elas assimilam. O rádio está fazendo um trabalho muito ruim em termos de memória da música popular brasileira. Não está dando uma assistência a essas situações, você esquece de um patrimônio de uma hora para a outra. Temos quem das antigas? Jamelão, Roberto Silva, eu, o Paulo Marques. É isso que vai ser.

## **Gafieiras – Para encerrar: a vida noturna mexeu com sua voz? Que cuidados você toma hoje?**

**Noite** – Acho quem tem mais cuidado com a minha voz é a minha mulher. [risos] Eu nem ligo muito. Não é que eu não ligo, não, faço o que posso, o que dá para segurar. Tomar meu “alquinho”, ninguém é de ferro! Em termos de preocupação, a única coisa que peço é para morrer em casa. Viajo muito e tenho medo de morrer fora de casa.

## **Gafieiras – É mesmo?**

**Noite** – É o que fica na minha cabeça. Viajo Brasil afora, mas fico doido para voltar para casa, porque tenho medo de morrer fora de casa.

**Gafieiras – Você tem medo de morrer, Noite?**

**Noite** – Não, tenho medo de morrer fora de casa, porque, pense bem, vou dar um trabalho desgraçado. Trazer tudo. Morrer não, acho que é normal, já que estamos vivos, morrer é normal. Só não queria morrer fora de casa. Se morro aqui, é só pegar e levar ali, está pertinho. Mas sai de lá do Acre, bota no avião, leva para São Paulo, sai de São Paulo, leva para Atibaia, não-sei-o-quê, põe no sol.

**Gafieiras – É isso. Muito obrigado.**

**Noite** – Obrigado você pela oportunidade.

## **FICHA TÉCNICA**

### **NOITE ILUSTRADA** **Os termos do eterno sambista**

**entrevistador**  
Ricardo Tacioli

**fotos**  
Dafne Sampaio

**transcrição**  
Ricardo Tacioli

**edição de texto**  
Ricardo Tacioli

**agradecimentos**  
Denise (esposa do Noite)  
Erica Atarashi

**local e data**  
Atibaia/SP, 27 de outubro de 2001

**realização e publicação**  
gafieiras.com.br